

Partidos do DF lutarão juntos por diretas já

Campanha coletiva para eleger o governador e uma assembleia legislativa vai tomar as ruas

AFONSO COZZOLINO
Da Editoria de Política

Os 22 partidos registrados no Distrito Federal, além do Partido Verde, ainda não-legalizado, estão unidos e dentro de mais alguns dias vão colocar nas ruas de Brasília e cidades-satélites uma grande campanha, com o objetivo de concretizar um antigo sonho do brasileiro: diretas-já para governador, vice-governador e uma assembleia legislativa. Atritos do passado e ideologias à parte, os partidos vão trabalhar juntos e já têm uma proposta básica aprovada: em um primeiro momento — exatamente no dia 15 de novembro de 1988 — seriam eleitos o governador, seu vice e os deputados estaduais — ou distritais. Como primeira tarefa, esses deputados elaborariam a Lei Orgânica do DF, dispondo, entre outros pontos, sobre a representação política das satélites (prefeitos e vereadores).

Esta proposta foi insistentemente debatida por representantes de todos os partidos e ainda de entidades representativas, durante todo o mês de março, em reuniões do Comitê Pró-Diretas Já, fundado para desempenhar esse papel. O ex-deputado João Gilberto prestou assessoria aos partidos e com as idéias de cada um em mãos elaborou um texto final, que será encaminhado à Constituinte (ver quadro). Durante as reuniões, é claro, houve divergências, mas na noite da última quinta-feira os representantes de partidos pareciam satisfeitos. Alguns deles, inclusive, manifestaram-se surpresos com a rapidez com que se fechou a proposta consensual.

Até o dia 25 de abril essa proposta dos partidos será apresentada como sugestão à Mesa da Constituinte, que a encaminhará à Comissão da Organização do Estado. Se o conteúdo da

proposta não for assimilado pela subcomissão que trata da União, Distrito Federal e Territórios, os partidos já estarão prontos para entregar propostas de emenda, através da participação popular — que é prevista no Regimento da Constituinte com a reunião de pelo menos 30 mil assinaturas. Para tanto, nos próximos dias, cada partido, com sua estrutura, se encarregará do trabalho de coleta. Ao invés de 30 mil assinaturas, o Comitê Pró-Diretas Já espera reunir 300 mil.

Ao mesmo tempo em que estiverem pedindo assinaturas, os partidos desenvolverão suas campanhas pelas diretas, isoladamente. O PMDB — maior partido do DF —, segundo seu presidente regional, Milton Seligman, vai aliar a luta pelas diretas à defesa de bandeiras do partido, como a moratória, uma política de crescimento da economia e dos salários e a garantia do processo de transição, sem qualquer retrocesso. Já no domingo da semana que vem, dia 12, uma grande reunião das lideranças do PMDB vai marcar o início da campanha. “Usaremos também materiais de divulgação, como faixas, cartazes, bottons e camisetas”, contou Milton Seligman.

O PFL, pelo menos nesse ponto, está na frente do PMDB. Há alguns dias o partido vem realizando sua campanha pelas diretas em cidades-satélites. Duas cidades — Gama e Brasília — já se engajaram e logo os diretórios das demais serão convocados. “Reunimos os dirigentes locais do partido e discutimos a proposta de autonomia para o DF. Depois os dirigentes passarão a visitar suas bases, com o objetivo de conscientizar o povo para a necessidade de elegermos nosso governador e uma assembleia local”, explicou Heitor Reis, secretário-geral do partido. A Frente Liberal tam-

bém vai correr atrás da assinatura de eleitores para poder apresentar propostas de emenda, se for necessário. O partido, que a exemplo do PMDB usará camisetas, bottons e outros materiais, já tem seu slogan para a campanha: “Governador eleito, povo satisfeito”.

O PDT também está se organizando para iniciar a coleta de assinaturas. A comissão de Propaganda Eleitoral do partido, inclusive, já recebeu a incumbência de fazer uma programação para cobrir todo o Distrito Federal. “Queremos conscientizar a população, que hoje está abandonada, da importância de eleger o governador e os deputados estaduais”, disse Alvaro Paim, presidente de honra do partido. O PDT, que vem fazendo sistemática oposição ao governo José Aparecido, usará isso como estratégia de campanha, na tentativa de tornar-se o catalisador das reivindicações da população.

PEQUENOS

Os pequenos partidos, que em novembro passado tiveram uma participação barulhenta no pleito (mas pouco conseguiram, em termos de votos), enxergam agora na campanha pelas diretas uma possibilidade de chegarem ao poder. Sem caçife para eleger um senador ou deputado estadual, a maioria desses partidos não tem dúvidas de que será relativamente fácil fazer deputados estaduais — ou distritais. Como nas eleições de novembro, muitos partidos pequenos — o PMN, por exemplo — já pensam em se coligar. Outros estão repensando sua estrutura. É o caso do PTB, que teve um desempenho ruim nas urnas, apesar de ser um dos mais antigos partidos do Brasil. “Nos estruturamos mal no DF, ficamos distantes do povo e fracassamos”, avaliou o ex-candidato a deputado federal pelo PTB, Sa-

mi Kury. “Agora estamos trabalhando de uma forma diferente: o PTB montou diretórios nas satélites e vai atuar através deles”, explicou.

Já o Partido Socialista reconhece que não teria força para lutar sozinho pelas diretas. “Por isso estamos aqui, junto aos outros partidos”, disse Euripedes Camargo, que também concorreu à Câmara. O PS pretende sensibilizar a opinião pública para a necessidade de eleições diretas já. “Existe clima para isso. E premente a necessidade de autonomia. Não acredito que esse direito nos será negado”, previu Euripedes.

O Partido Verde, que ainda não está legalizado, mas já é formalmente organizado no DF, também vai entrar com tudo na campanha pelas diretas. Segundo Roberto Lenox, fundador do PV, existem muitos motivos para justificar essa luta, mas o mais atual “foi a violência contra bancários e constituintes registrada durante a greve. Se o governador fosse eleito pelo voto direto, isso não teria acontecido”, apostou.

No PT, que saiu-se bem no pleito de novembro, apesar de não ter conseguido eleger qualquer de seus candidatos, a ideia de defender as diretas é antiga, e campanha nesse sentido já está sendo discutida em nível interno. “Dentro de duas semanas iremos efetivamente para as ruas”, revelou Antônio José, secretário de imprensa do PT/DF. Segundo ele, o partido usará comitês pró-diretas e incentivará a formação de minicomitês, como forma de pressionar os constituintes para que aprovem a autonomia local.

O Partido Comunista Brasileiro, por sua vez, confia na credibilidade que ganhou nas urnas para fazer uma campanha “massiva, alegre e envolvendo a população, mas de maneira organizada”, de acordo com Carlos Alberto Torres, presidente do PCB/DF.